



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

*Discurso na solenidade de
descerramento de placa comemorativa
na Usina Hidrelétrica de Igarapava*

IGARAPAVA - SP, 18 DE DEZEMBRO DE 1998

Senhor Governador de Minas Gerais, Eduardo Azeredo, meu companheiro e meu amigo; Senhor Representante do Governador de São Paulo, Secretário de Energia do Estado; Senhores Ministros; Senhor Ministro de Minas e Energia, Raimundo Brito; Senhores Senadores, Deputados; Senhores Prefeitos de Igarapava, de Uberaba, das cidades em volta; Senhores Vereadores; Senhores Construtores dessa usina, desde os trabalhadores até aqueles que se organizaram, financeiramente, para construí-la e os que a estão gerindo e os engenheiros que a projetaram; Povo de São Paulo e de Minas Gerais,

É uma grande alegria – realmente grande – voltar aqui, entre o meu estado e o meu outro estado, entre Minas e São Paulo, para assistir ao início da geração de energia da décima usina que começou a funcionar depois que o Eduardo Azeredo foi Governador de Minas. É a décima.

Essas usinas não foram, todas elas, construídas com o dinheiro público. Muitas delas o foram com capital inteiramente privado. Outras, como aqui, em associação. Mas o fato é que, graças a esse novo conceito de parcerias, graças à capacidade que tem o Estado, hoje, de outorgar

concessões, em parceria ou não, ao setor privado, nós conseguimos, efetivamente, sacudir o Brasil na área energética.

O Ministro de Minas e Energia, Raimundo Brito, que aqui está, se dedicou extremamente a permitir que nós recuperássemos a nossa confiança na capacidade de gerar energia, na proporção necessária para o desenvolvimento do nosso país.

Isso está avançando. São inumeráveis as vezes em que andei, por esse Brasil afora, literalmente do Norte ao Sul, para apertar um botão, como fizemos há pouco, e ficarmos um pouco ansiosos para saber se funciona ou não. Mas acaba funcionando. De modo que se ouve já, lá, o barulho das máquinas rodando, com as águas servindo à produção de energia.

Nós encontramos, quando o Ministro Raimundo Brito assumiu a Pasta, 22 obras paralisadas. Aqui, há empresários que sabem disso. Eram 22 grandes obras paralisadas. Nós retomamos 17. Hoje, seis já estão concluídas. As outras vão sendo concluídas, porque se trata de obras de grande vulto, que consomem tempo. Mas a verdade é que o Brasil, nesse aspecto, deu um salto realmente forte, para permitir que nós entremos, como vamos entrar, no próximo milênio com confiança no nosso futuro, no nosso desenvolvimento.

Não apenas geramos energia elétrica. Dentro de poucos dias, também com o Ministro Raimundo Brito, vou estar ao lado dos dirigentes da Petrobras, para anunciar mais um salto na produção de petróleo brasileiro. E isso é apenas o prenúncio do grande desenvolvimento que nós daremos na área do petróleo.

Isso tudo foi possível porque o Congresso Nacional aprovou. E eu agradeço as generosas palavras do representante dos empresários que me saudou aqui, lembrando a lei de concessão, que foi uma lei que fiz quando era Senador, que levou cinco anos tramitando, mas foi aprovada. E, uma vez aprovada, permitiu essas transformações todas.

O Congresso aprovou, também, na área do petróleo, a quebra do monopólio. Com a quebra do monopólio, ganhou o Brasil e ganhou a Petrobras, que cresceu mais ainda e vai continuar crescendo. Os saudosistas, os homens do atraso que, infelizmente, existem, no Brasil, ficam ainda se lamuriando por um passado que foi formidável, mas o tempo

fez com que fosse necessário enfrentar de outra maneira os desafios. Estamos enfrentando. Seria uma perda para o País, para o Estado nacional, mas com muito ganho para a sociedade e com muito ganho para o nosso desenvolvimento. Vamos, portanto, aumentar, também, consideravelmente, a nossa produção de petróleo.

Dentro de poucos dias, o Ministro Raimundo Brito também vai anunciar a interligação do sistema elétrico Norte-Sul do Brasil. É preciso pensar bem o que significa num país da vastidão do Brasil nós estarmos, realmente, interligando as nossas bacias hídricas, através das nossas usinas geradoras e das redes de transmissão. São obras ciclópicas. Nós, brasileiros, temos que ter orgulho delas, como temos orgulho quando vemos as nossas grandes obras de Tucuruí, de Xingó, de Itaipu ou de onde seja. Nós continuamos com esse mesmo ímpeto, que é o ímpeto muito próprio do nosso povo.

E, aqui, disse o Governador algo muito importante: 80% das fazendas mineiras já têm energia elétrica. Pois bem, nós temos uma programação, em nível nacional, do mesmo porte, sobretudo no Nordeste, que é um plano de eletrificação rural. E estamos estendendo aos municípios, às comunidades, a possibilidade de terem esse conforto e, mais que isso, esse instrumento, também, de trabalho, que é a energia elétrica na área rural.

Há, portanto, um Brasil confiante, que não pode se deixar perder nem pelas vozes do passado, mesmo quando elas voltam. Às vezes, voltam. Temos aqui muito fantasma que reaparece. Mas nós não devemos nos assustar com fantasmas. Eles passam, também. O que não deve passar é a nossa fibra, a nossa vontade firme de avançar, a nossa determinação de acreditar neste país, que se constrói, que vai continuar sendo construído e que sabe que, em certos momentos, como agora, há que dar um aperto nas contas públicas. Mas esse aperto é para podermos ter mais condições de avançar amanhã, em conjunto com as forças privadas, em conjunto com a sociedade.

Por isso mesmo, nessa reestruturação do Estado brasileiro, nesse setor de energia – aqui está o Doutor Firmino, que é Presidente da Eletrobrás, que também sabe disso –, nós criamos a Aneel, como nós

criamos a Anatel, como nós criamos a Agência Nacional de Petróleo, porque não estamos abdicando do dever do Estado, que é o de estar, realmente, cobrando que as empresas privadas ou públicas entreguem ao cliente, que é o povo, ao consumidor, aquilo para o qual elas foram destinadas. E elas têm que estar regulamentadas, não no sentido de engessar, como o Brasil estava engessado até há pouco tempo, é no sentido de fazer com que haja uma motivação para que as empresas públicas e privadas continuem trabalhando, pensando no desenvolvimento e pensando no consumidor, pensando na população.

E algo muito importante também: vivemos outra época, a dimensão do meio ambiente é incorporada a qualquer decisão de Governo. Aqui me alegra saber que há uma escadinha para os peixes subirem, para a piracema. Aqui me alegra saber que não houve inundações que prejudicassem as populações ribeirinhas. Há uma constante preocupação com o meio ambiente.

Agora, sendo talvez a última cerimônia pública em que me encontro com o Governador Eduardo Azeredo, quero dizer com toda a franqueza: Minas raramente teve um Governador como Eduardo e raramente terá. Raramente teve e raramente terá. Sem desmedro dos que Minas teve – aqui está ao lado o Francelino Pereira que foi outro grande Governador – e sem querer fechar a oportunidade para que os futuros governadores tentem imitá-los. Que os imitem, que os imitem, que não se fechem. Que Minas continue aberta ao espírito de criatividade, ao espírito de desenvolvimento.

Eduardo, na sua maneira, muito mineira, às vezes dando impressão de que é tímido, é insistente. O Presidente da República sabe o quanto ele insiste e o quanto ele insistiu na defesa do interesse de Minas. Mudou Minas. Quantas empresas novas há em Minas, por exemplo, como em Juiz de Fora. Nós escolhemos Juiz de Fora. Não foi só a empresa, nós queríamos que houvesse desenvolvimento em Juiz de Fora. Nós pusemos lá a Mercedes. Não foi o Estado, o Governo, mas o clima que se criou para que houvesse mais empresas de automóvel.

A Fiat dobrou a sua capacidade instalada e a Mercedes veio. Isso só já dá um exemplo muito claro do que significa a transformação na dire-

ção da industrialização de Minas. Minas cresce mais depressa que o Brasil no setor industrial. Minas, é só olhar os resultados agora, até às vezes inesperados, das universidades. Basta ver a colocação da Universidade Federal de Minas Gerais no conjunto das universidades brasileiras. E eu, que sou Professor Emérito da USP, fico até às vezes assim: “Meu Deus, será que é?” Quer dizer, realmente está havendo uma transformação muito grande neste estado. Este estado, de certa maneira, sintetiza esse espírito novo do Brasil, que é um espírito não arrogante. Aqui há um exemplo de não-arrogância mineira. É um espírito de não-arrogância, é um espírito de persistência, é um espírito de crença, é um espírito de convicção.

De modo que venho hoje, aqui, e me alegra falar da margem de cá, que é a margem paulista, para gabar a margem de lá, que é a margem mineira. Vim também, aqui, muito especialmente, não só para dizer o que disse sobre a crença que tenho em Minas, no Brasil e no crescimento do Brasil, na nossa capacidade de seguir adiante, na nossa perseverança, na nossa capacidade de economizar. Gostei muito, custa mais barato. Mas, além disso, e talvez até com mais motivação, vim para dar um forte abraço no Eduardo Azeredo e dizer: “Vamos firme, Eduardo, que o Brasil é devedor a você”.